

## Φῶς ἰλαρόν: A Luz e a Hypóstasis

Pe. Henrique Cairus  
Ἱερός Ναός Ἁγίου Ἀνδρέου τοῦ Πρωτοκλήτου  
Rio de Janeiro - Brasil  
I.M. Μπουένος Ἀϊρες και Νοτίου Ἀμερικής  
Οἰκουμενικοῦ Πατριαρχείου

καὶ εἶπεν ὁ Θεός· γενηθήτω φῶς· καὶ ἐγένετο φῶς.

καὶ εἶδεν ὁ Θεὸς τὸ φῶς, ὅτι καλόν· καὶ διεχώρισεν ὁ Θεὸς τὸ φῶς, ὅτι καλόν· καὶ διεχώρισεν ὁ Θεὸς ἀνὰ μέσον τοῦ φωτός καὶ ἀνὰ μέσον τοῦ σκοτούς.

Γένεσις, α', 3-4

Meu objetivo aqui é discorrer sobre a expressão φῶς ἐκ φωτός do Símbolo da Fé (*Credo*), o Símbolo do Primeiro Concílio de Niceia, de 325, segundo, sobretudo, o testemunho da Carta de Eusébio de Cesareia (325) aos seus diocesanos (PG 20,1540BC).

A sequência apositiva Φῶς ἐκ φωτός, Θεός ἀληθινός ἐκ Θεοῦ ἀληθινοῦ exige, por si, uma leitura de φῶς a partir de sua relação com Deus. Para além disso, a carga semântica do aposto recai sobre a ideia de proveniência. A ênfase, portanto, da expressão não está em φῶς, mas em “ἐκ”.

### 1. Para além da metáfora: a filosofia a serviço da inteligibilidade teológica

Os fisiólogos gregos – e talvez outros antes deles –, para falar do princípio fundamental, da ἀρχή, já usavam esse dispositivo discursivo que se situava entre a conotação e a denotação, frequentando simultaneamente os dois processos referenciais.

O conhecido axioma de Tales, segundo o qual “tudo é água”, é o exemplo mais antigo de que dispomos, ao menos no Ocidente, desse processo ou dispositivo. Segundo Diógenes Laércio, Tales ἀρχὴν δὲ τῶν πάντων ὕδωρ ὑπεστήσατο (DK11A1, D.L.1,27), ou seja, propõe a água como ἀρχή de todas as coisas. Isso significa que a água está presente em tudo, como matéria primordial, como princípio ativo (ou seja, princípio agente) e, por conseguinte, como aspecto morfológico ou comportamental. A partir da água, para Tales, tudo que existe são seus

εἶδη.

Aristóteles, em sua *Metafísica* (I, 3, 983b), explica como entende essa ideia de Tales:

τῶν δὴ πρώτων φιλοσοφησάντων οἱ πλεῖστοι τὰς ἐν ὕλης εἶδει μόνας ᾤθησαν ἀρχὰς εἶναι πάντων: ἐξ οὗ γὰρ ἔστιν ἅπαντα τὰ ὄντα καὶ ἐξ οὗ γίγνεται πρῶτου καὶ εἰς ὃ φθείρεται τελευταῖον, τῆς μὲν οὐσίας ὑπομενούσης τοῖς δὲ πάθεσι μεταβαλλούσης, τοῦτο στοιχεῖον καὶ ταύτην ἀρχὴν φασιν εἶναι τῶν ὄντων, καὶ διὰ τοῦτο οὔτε γίγνεσθαι οὐθὲν οἴονται οὔτε ἀπόλλυσθαι, ὡς τῆς τοιαύτης φύσεως ἀεὶ σωζομένης,

A maioria dos primeiros a filosofarem acreditaram que os únicos princípios de todas as coisas estão em espécie<sup>1</sup> de matéria. Pois aquilo a partir do qual existem todas as coisas, e o primeiro a partir do qual se geram e para cujo fim se corrompem, permanecendo a substância, mas mudando nos acidentes (τοῖς πάθεσιν), dizem que é [esse] o elemento (στοιχεῖον) e o princípio (ἀρχή) de todas as coisas que existem; por isso creem que nada se gera nem se corrompe, pois tal natureza se conserva sempre.

La mayoría de los que filosofaron por primera vez creyeron que los únicos principios de todas las cosas son de especie material. Pues aquello a partir de lo cual existen todas las cosas, y lo primero a partir de lo cual se generan y el término en que se corrompen, permaneciendo la sustancia pero cambiando en los accidentes, dicen que es el elemento y el principio de las cosas que existen; por esto creen que nada se genera ni se corrompe, pues tal naturaleza se conserva siempre. (Trad. José Manuel Fernández Cepedal)

Aristóteles vê, pois, na teoria desses a quem chama de “os primeiros a filosofarem”, destacando o nome de Tales, uma certa antítese à sua própria teoria, que constroi uma concepção linear de tempo a partir de seu caráter cíclico, do qual fazem parte, também, (e parte fundamental) a geração e a corrupção.

Chamemos, pois, a essa ideia da água de Mileto, que ultrapassa a metáfora, porquanto não é mera figura – sem deixar de sê-lo –, e atinge o nível ontológico; chamemo-la de 'representação essencial'.

Não seria essa mesma 'representação essencial' o fogo de Heráclito, por exemplo? E o que dizer, senão isso, das quatro raízes de Empédocles, que lhe serviram de base para toda uma cosmogonia?

Esses στοιχεῖα que compõem essas ἀρχαί cumprem um trajeto na história do

---

1 Ressalta-se aqui que o termo εἶδος se refere às categorizações aristotélicas.

pensamento ocidental. O ponto de partida, como detectou Werner Jaeger em sua obra *La teología de los primeros filósofos griegos*, é a substância mesma da qual todas as coisas foram feitas, irradiando dos próprios deuses, passando pelos homens, e, por isso, presente em tudo, regente de tudo e anterior a tudo. Para Heráclito, num paroxismo quiçá poético ou retórico, anterior à própria essência divina: κόσμον τόνδε, τὸν αὐτὸν ἀπάντων, οὔτε τις θεῶν οὔτε ἀνθρώπων ἐποίησεν, ἀλλ' ἦν ἀεὶ καὶ ἔστιν καὶ ἔσται πῦρ ἀείζωον, ἀπτόμενον μέτρα καὶ ἀποσβεννύμενον μέτρα [esse cosmos – isso é, essa ordem, essa disposição do mundo – não foi feita por um dos deuses nem pelos homens, mas sempre foi, é e será o fogo para-sempre-vivo, impondo metros e revogando metros].

O mesmo fogo heraclítico, uma ἀρχή supra-eterna, terá seu encontro marcado com o Evangelho de São João, uma vez que o próprio Efésio já o identifica com o λόγος. O fragmento 72 na edição Diels-Kranz, legado por Marco Aurélio, deixa clara a similitude entre λόγος e πῦρ:

Ἔτι μάλιστα διηνεκῶς ὁμιλοῦσι [λόγῳ τῷ τὰ ὅλα διοικοῦντι], τούτῳ διαφέρονται, καὶ οἷς καθ' ἡμέρην ἐγκυροῦσι, ταῦτα αὐτοῖς ξένα φαίνεται [discordam do λόγος com que convivem continuamente [o que governa todas as coisas], e aquilo com que se embatem cotidianamente lhes parece estranho]. Quase todos os estabelecidos e estudiosos de Heráclito concordam que o sintagma “o que governa todas as coisas” é uma interpolação de Marco Aurélio. Alguns consideram que se trata de uma forma de 'estoicizar' o pensamento Heraclítico (p.ex.: DILCHER. *Studies in Heraclitus*, 1995, p. 46), mas essa não é opinião de Charles Kahn (*The Art and Thought of Heraclitus*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979, p. 104), para quem o imperador-filósofo faz ali uma mera síntese desse aspecto do universo conceitual de Heráclito. O que, aliás, está de acordo com a forma como o entende Santo Hipólito de Roma (ὅτι δὲ λόγος ἔστιν ἀεὶ τὸ πᾶν καὶ διὰ παντὸς ὄν, οὕτως λέγει [ὁ Ἡράλειτος]. *Refutatio omnium haeresium*, XI, 9, 1) e também São Clemente de Alexandria (*Stromata*, V, 14, 111, 7).

O entre-lugar do dispositivo de representação não tem mobilidade, sendo determinado ontologicamente pelos seguintes pressupostos:

1. “não sendo precisamente, precisamente é” e
2. “porquanto é, é tal como [ὥς] é”.

Trata-se, portanto, de uma ontologia relacionada à οὐσία e à ὑπόστασις, sobretudo se a

pensarmos como Plotino (*En.* V, 1,7 & II,9,1), que propõe uma tríade de ὑποστάσεις (τὸ Ἔν, ὁ Νοῦς, ἡ Ψυχὴ τοῦ παντός), ao formular uma história da ontologia híbrida que, de certa forma, lhe serve de base. Eusébio, em sua *Εὐαγγελικὴ προπαρασκευή* (1α',17), testemunha que, de forma precursora, já havia Numênio proposto uma tripla ὑπόστασις (talvez mesmo uma ὑπόστασις triádica), mas efetivamente foi Plotino que, tomando o Ἔν de Parmênides, o Νοῦς de Aristóteles e o Δημιουργός (e a Ψυχὴ τοῦ παντός) de Platão, gerou um recurso de inteligibilidade que seria explorado pela teologia cristã no discurso sobre a inefável Santíssima Trindade. As ideias dos pensadores do platonismo tardio invertem, pois, no que tange às ὑποστάσεις, o pensamento de Platão, para quem a ὑπόστασις não é senão um εἶδος. O platonismo tardio, no entanto, coloca o conceito de ὑπόστασις a serviço de uma hierarquização dos εἶδη, o que devolve à ὑπόστασις sua proximidade com a ἀρχή.

Também pelo viés da οὐσία, o dispositivo cognitivo da 'representação essencial' encontra seu caminho filosófico, mas, desta vez, mais por reverberação da concepção aristotélica. Em sua *Metafísica* (Λ,1-2,1069a-b), Aristóteles subdivide as οὐσίαι em:

- 1) αἰσθηταὶ καὶ ἀίδιοι (cujo o elemento é o αἰθήρ)
- 2) αἰσθηταὶ καὶ φθαρταί (por exemplo, as plantas, os animais etc)
- 3) ἀκίνητοι (τὸ Πρῶτον κινουῦν)

As duas primeiras estão ao alcance do discurso sobre a natureza das coisas, com ou sem caráter pragmático. E a terceira está arremada pela aura de inefabilidade por parte da “física”, pois trata-se do “Primeiro Motor”, que leva a ὕλη a outros εἶδη.

Retomando, pois, uma οὐσία primordial que foge à αἴσθησις, como já ocorrera em Anaximandro e Parmênides, Aristóteles defende também um processo de proveniência e de transformações.

## 2. Tirar sem subtrair

Tanto o ἀκίνητον aristotélico quanto as ἀρχαί dos fisiólogos (e até mesmo os εἶδη platônicos) tem caráter ἀίδιον, que é um aspecto do tempo cíclico, no qual se insere o tempo linear da geração e da corrupção dos seres.

O traço ἄϊδιον, no entanto, traduz uma das mais relevantes feições da divindade. Sua inviável corrupção paradoxalmente não anula a geração. O paradoxo da geração do ἄναρχον resolve-se pela geração em si, de si e por si. A geração do – e a partir do – elemento da 'representação essencial' só poderia subtrair desse próprio elemento ao custo de seu aspecto ἄϊδιον, comprometendo irrecuperavelmente a ciclicidade do tempo, e dando-lhe apenas o caráter linear, tal como o entendem os modernos materialistas. Portanto, há geração, há procedência, mas não há subtração.

A eternidade está garantida por esse paradoxo da presença não só da οὐσία, mas também da ὑπόστασις no processo de geração sem subtração. A luz é o elemento sensível que traduz essa ideias com perfeição.

A ideia de uma 'luz de luz' tem esse dado de perfeição, pois:

- a Luz é uma οὐσία, assim como a luz que dela deriva é ὁμοουσία;
- a Luz é uma ὑπόστασις e a luz que dela deriva é outra ὑπόστασις;
- a Luz se situa na fronteira entre o sensível e o inteligível, e no limiar entre o material e o imaterial;
- a Luz tem uma inteligibilidade católica e ecumênica, porquanto em inúmeras culturas está relacionada à divindade;
- a Luz é epifânica e apofântica;
- a Luz não perde εἶδος nem ὕλη no processo de geração.

As palavras inaugurais de São João o Teólogo e Evangelista, não deixam dúvida sobre o caráter ousiástico e hypostático da Luz: Cristo é τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον. E também é São João quem vai testemunhar a reiterada afirmação de Nosso Senhor e Salvador: Ἐγὼ εἶμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου.

São as palavras da Divina Liturgia que nos fornecem uma chave para a compreensão do sentido da proveniência na expressão “Luz de Luz”: Μερίζεται καὶ διαμερίζεται ὁ Ἄμνος τοῦ Θεοῦ, ὁ μελιζόμενος, καὶ μὴ διαιρούμενος, ὁ πάντοτε ἐσθιόμενος, καὶ μηδέποτε δαπανώμενος, ἀλλὰ τοὺς μετέχοντας ἀγιάζων [O Cordeiro de Deus é partido e repartido; é partido mas não dividido, sempre comido e jamais consumido, santificando aqueles que O recebem em comunhão]. A Luz, então, por sua natureza ousiástica e hypostática é também a

representação essencial do Mistério Eucarístico.

Ainda que, na expressão “Luz de Luz”, a primeira palavra seja mais hypostática e a segunda, mais ouasiástica, a natureza da própria relação entre a ὑπόστασις e a οὐσία não legitima qualquer diagrama que aqui as separe. O mesmo poder-se-ia dizer da expressão Θεὸς ἀληθινὸς ἐκ Θεοῦ ἀληθινοῦ.

### 3. Φῶς, Πρόσωπον, Ὑπόστασις e ἔνωσις

É bem conhecido como os Santos Padres da Capadócia associaram as Pessoas da Santíssima Trindade à ὑπόστασις, em detrimento do termo πρόσωπον. Para além de uma rejeição ao termo que já significou também “a máscara do ator”, há uma evidente apropriação da ὑπόστασις neoplatônica.

A própria ideia de πρόσωπον está naturalmente ligada à de εἶδος, que, por extensão, relaciona o πρόσωπον com os αἰσθητά (ου, no dizer de Platão, ὁρατά), e tendo, provavelmente, por base o sensorial, o πρόσωπον está, por excelência, mais comprometido com uma δόξα do que com uma ἐπιστήμη, que passa pelos νοητά, ou até mesmo do que com uma πίστις. A ideia de πρόσωπον, portanto, não tem compromisso implícito com a verdade noética ou doutrinal. Mas não é desprezível sua potência como via da Graça ou meio catequético, uma vez que a εἰκών de Deus está no cerne da criação do homem, seu primeiro ícone: καὶ εἶπεν ὁ Θεός· ποιήσωμεν ἄνθρωπον κατ’ εἰκόνα ἡμετέραν καὶ καθ’ ὁμοίωσιν (Gen.1,26) . Deus Trinitário permitiu, pois, naquele momento, que, pela chave do πρόσωπον, possamos reconhecer nossa união com Ele.

Conquanto conserve a ὑπόστασις teológica algumas características do πρόσωπον, o mesmo não se dá com a ideia de indivíduo, de ἄτομος, que, nascido não da União, mas da separação, que fora, na contemporaneidade, reforçada por várias ideologias infelizmente vitoriosas até agora.

Para falarmos da Santíssima Trindade, é, de fato, necessário suprir ou completar o πρόσωπον com o conceito de ὑπόστασις, que, como vimos, graças a certa tradição neoplatônica, relaciona-se bem mais com o universo da verdade do que ao da realidade. Por

esse expediente de inteligibilidade (legado pelos neoplatônicos), podemos compreender e aceitar que a *ὑπόστασις*, no discurso teológico, assegure a perenidade que a *οὐσία* garantia no discurso filosófico. No discurso teológico, por sua vez, a *οὐσία* está ligada a contextos de proveniência: *ὁμοούσιος τῷ Πατρὶ, δι' οὗ τὰ πάντα ἐγένετο*, como diz o Símbolo da Fé.

A luz se divide a partir de si, como dissemos, sem subtração e sem mudança de *οὐσία*, mas a divisão afeta seu caráter hypostático. Quando dizemos: *Δεῦτε λάβετε φῶς ἐκ τοῦ ἀνεσπέρου φωτός*, dizemos que é transmitida a *οὐσία*, como *εὐλογία*, mas não como mistério (ainda que, o contrário, possa acontecer, é claro, por milagre, por *θαῦμα*, o que é outro tema).

A Luz, como 'representação essencial' da divina *ὑπόστασις* cristológica, guarda a plenitude da perfeição, não só no aspecto hypostático e ousiástico, mas também no que diz respeito à sua forma de figurar o Santo Paradoxo trinitário. A *ἔνωσις* tem papel primordial aí, uma vez que a Luz é essencialmente indivisível e aglutinável, ou seja, ela traduz para o universo físico a ideia mesma de *ὑπόστασις*.

#### 4. Visão e luz

O tema da visão, quando pensamos na Luz, evoca, por si mesmo, o capítulo nono do Evangelho segundo São João, a famosa história do cego de nascença. Ali temos também a famosa frase “Eu sou a Luz do mundo”, mas, dessa vez, a relação com a visão é reforçada tanto pelo contexto – a história da cura do cego – quanto pela referência ao dia e à noite. O primeiro diz respeito à permanência de Jesus no mundo, o que nos remete, naturalmente, ao campo sacramental e ao papel da Igreja: “Devemos trabalhar a obra dAquele que me enviou enquanto é dia. Aproxima-se a noite, quando ninguém pode trabalhar. Quando Eu estiver no mundo, eu sou a Luz do mundo”. [*ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με ἕως ἡμέρας ἐστίν· ἔρχεται νύξ ὅτε οὐδεὶς δύναται ἐργάζεσθαι. ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ᾦ, φῶς εἰμι τοῦ κόσμου*].

A Luz hypostática, portanto, tem relação com a presença, com a *παρουσία* divina. Tal presença, por sua vez, tem continuidade em forma sacramental, especialmente na Eucaristia, onde o Cordeiro-Luz é presentificado, pelo que aclamamos: *Εἶδομεν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν*.

